A Meritocracia sob Fogo Acirrado

Carlos Alberto Ramos[1]

As avaliações da ópera-bufa de Trump (e do Trumpismo, se chegar a perdurar) ocuparão mentes por décadas, tentando compreender como a nação que é fronteira tecnológica do mundo e sua maior potência econômica e militar abriu espaço para que um personagem entre grotesco e burlesco chegara à presidência. Contudo, uma até superficial observação da distribuição geográfica de seus votos induz a concluir que, muito provavelmente, no trumpismo está a revolta da América Profunda, a âncora social de sua ascensão, contra as elites da costa oeste e do nordeste. E, complementando essa perspectiva, o status da meritocracia como valor social está sendo colocado no centro do debate.

Lembremos que a meritocracia como conceito e objetivo político foi introduzido no debate pelo sociólogo britânico Michael Young (1915-2002) e, na sua concepção, foi assumido como um prisma progressista (de esquerda) uma vez que outorgava ao combate a favor da igualdade de oportunidades uma âncora conceitual e prática. A velha estratificação britânica de classes seria injusta, uma vez que a posição social de cada geração estaria determinada no ordenamento das gerações anteriores. A loteria da vida ou das circunstâncias deveria ser substituída pela estratificação, produto do mérito de cada indivíduo, mérito que seria o resultado da fórmula QI + Esforço. A distribuição de renda (ou seja, de resultados) que essa perspectiva geraria seria "justa" (na concepção de Rawls), uma vez que proporcionaria um leque de incentivos que propiciaria o crescimento e acabaria beneficiando os situados nos menores degraus.

O próprio Young questionou a universo conceitual que tinha gerado em um romance de 1958 (*The Rise of Meritocracy*), onde colocava a possibilidade de uma sociedade meritocrática gerar um sistema aristocrático muito próximo ao vigente na sociedade britânica do Século XIX. Não unicamente muito próximo em termos de rigidez, senão talvez mais preservo, uma vez que seus integrantes teriam a arrogância de imaginar que sua posição de "vencedores" é justificável, dado que é resultado de seus méritos individuais e não de suas origens sociais. O sistema educativo "carimbaria" esse mérito por meio de diplomas. O nível de educação e o prestígio da instituição que emite o "carimbo" seriam o passaporte para situar cada indivíduo na sua posição dentro da hierarquia social. Sucede que o acesso a uma instituição depende da posição social da família, de suas conexões, do prestígio e qualidade da educação prévia, etc. Dessa forma, a hierarquia social, por meandros diferentes aos

[1] Professor do Departamento de Economia, UnB. E-mail: carlosal@unb.br Graduado na Universidade de Buenos Aires, Mestrado Universidade de Brasília, Doutorado Universidade de Paris-Nord. Autor de diversos livros. Próximo lançamento: Economia da Felicidade. Rumo a uma Nova Medição da Prosperidade das Nações. AltaBooks. (2020-Forthcoming)

das aristocracias do Século XIX, conservaria um imobilismo. No caso dos EUA, os formados em alguma universidade da Ivy League ou nos centros de excelência na Costa Oeste ocupariam aqueles postos de trabalho com maiores salários e com acentuado prestígio social, empregos que requerem habilidades técnicas, cognitivas e sócio-emocionais adquiridos no ambiente familiar, social e no sistema educacional de elite.

Esse universo geraria uma classe social que usufruiria da globalização, cosmopolita, poliglota, com pautas culturais representadas pela grande mídia (*New York Times, Washington Post, New Yorker*, etc.), liberal nos costumes, etc. Uma classe social que se denomina de "classe cognitiva".

Os excluídos desse universo se assumiriam como perdedores, uma vez que, se são os méritos os que determinam a posição social, terem sido excluídos significaria que não têm competências suficientes para fazer parte da elite. A frustração e o rancor se voltariam contra tudo o que o polo oposto tem de singular: globalização, grande mídia, comportamentos liberais, etc.

Nesse ambiente, o que no início foi assumido como posição progressista (a meritocracia), que amputava a posição social da geração atual das herdadas de seus antepassados, está agora sob acirrada crítica. Não devemos esquecer que Michael Young foi um dos intelectuais orgânicos do Partido Trabalhista Inglês, autor do programa trabalhista que instaurou, no pós-guerra, o sistema público de saúde, o ensino gratuito, etc. Sua argúcia não foi unicamente ter formatado intelectual e praticamente uma perspectiva que revirava a estrutura de classes da aristocracia britânica, senão que percebeu os potenciais perigos que sua proposta continha e que hoje alimentam os mais variados populismos.